

A construção de uma abordagem:

Françoise Choay e seu horizonte historiográfico em 1970

PRISCILLA PEIXOTO*

Luzes sobre a historiografia do urbanismo

“História e método em Urbanismo”, é um texto publicado por Françoise Choay, em 1970, em uma edição temática da revista dos Annales sobre “Urbanismo”¹. Trata-se de uma única incursão de Choay junto a essa revista e, a despeito de já ter publicado um livro com uma reflexão de maior fôlego poucos anos antes, “O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia” (1965), é curioso notar que, justamente na explanação mais breve para a referida revista, Michel de Certeau, historiador atento às práticas de escrita da história naqueles anos, o leria e encontraria reflexões para sua noção de “operação historiográfica”.

Pode-se dizer que “História e método em Urbanismo” teve recepções diferenciadas dependendo do campo em que circulou. Se para uma geração de urbanistas marcada pelos textos de Choay, ele sequer teve expressividade, por outro lado, essa autora seria lida pelos historiadores de seu tempo, mesmo que por poucos deles, justamente pelo texto publicado na revista dos Annales.

Em “História e Método em Urbanismo”, Choay traz como hipótese a necessidade se pensar a história como um método para o urbanismo. Ao longo das doze páginas em que organiza sua argumentação, expõe como a ação projetiva do urbanista – mesmo aquelas formuladas em um texto literário ou em uma especulação crítica – está sempre articulando relações temporais.

Neste texto, expondo as reflexões de duas posições dicotômicas, daqueles que pensam cenários futuros a partir de reorganização de formas do passado e daqueles que os projetam a partir de um ato de ruptura com as ações precedentes – respectivamente, “culturalistas” e “progressistas”, para usar os termos da autora –, Choay demonstra os revezes das posições polarizadas para a construção do urbano. Ao observar as cidades que estão sendo produzidas em sua época, não gosta do que vê e, portanto, acredita ser necessária uma mudança de

* Msc. Priscilla Alves Peixoto é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da UFRJ (PROURB-UFRJ) e bolsista da CAPES.

¹ Nesse número da revista, deve-se destacar a presença de Jacques Le Goff e um nome que ganhou notoriedade posteriormente, mas que a época era ainda uma jovem promessa, Manuel Castells.



Folha de rosto do texto de Françoise Choay publicado na revista dos Annales em 1970.

postura em relação a esses modelos de construção do espaço. Assim, propõe a (re)organização de uma nova prática, “pós-urbanismo”, em que essa dicotomia é rebaixada e aspectos das duas posições são trazidos para a ação projetiva. Afirma, com essa proposta, uma maior consciência em relação a capacidade deajuizamento (em relação ao passado e ao futuro) daquele que propõe a ação urbanística.

Além da hipótese levantada e defendida por Choay ser particularmente interessante, esse texto nos permite também uma “incursão” privilegiada para uma entendimento mais aprofundado em relação a perspectiva historiográfica articulada por Choay naqueles

anos. Em geral, em seus textos de maior fôlego, a autora pouco explicita suas posições historiográficas². Sendo, contudo, possível observar neles apenas linhas gerais (tendências) a partir da própria estruturação dos textos, dos objetos enunciados e encaminhamentos metodológicos. Contudo, após a morte de Certeau, em textos menores, Choay começaria a fazer algumas breves referências às abordagens historiográficas enunciadas pelo amigo morto³. Ou seja, com relação ao período das décadas de 1960 e 1970, quando na verdade seria Choay a incitar Certeau a refletir sobre a prática do historiador, de fato, pouco conhecemos sobre as referências da autora. Dentro do campo do urbanismo, trata-se verdadeiramente de uma questão ainda por se estudar, tanto na fortuna crítica produzida em países que a obra da

² A atenção e autonomização da historiografia se daria, sobretudo, a partir da década de 1980. Assim, pode-se pensar que o silêncio de Choay em relação a sua própria ação se inscreve no momento em que os debates sobre os modos de se escrever história não se davam em larga escala. Apesar do texto de Choay ajudar Michel de Certeau a refletir sobre a posição do historiador na escrita da história, esse olhar “desnaturalizado” em relação a posição e eleições do historiador ainda não conformavam uma prática para a própria Choay até o início dos anos 1980.

³ Após a morte do colega, percebe-se que em textos menores é explícita e recorrente as referências à “operação historiográfica”, como por exemplo, em “Sitte revisité”, apresentado em conferência em 1994 e publicado em 1996, e também em seu prefácio para “Pour une anthropologie de l’espace” (2006), esse último trata-se de um livro em que também reedita o primeiro texto. Em outros textos desse livro, outras temas de Certeau também serão tocados por Choay e nota-se, então, destaque para o trabalho “A invenção do cotidiano”, citado em ao menos dois títulos dessa mesma compilação: “Les signes de la ville” (1988) e “Enseignement et patrimoine: un enjeu de société” (1995, 1996, 2004, 2006).

autora foi difundida em profusão, como o caso brasileiro⁴, quanto no país natal da autora, a França, onde ela atua até os dias de hoje.

De modo geral, possivelmente pela formação recente da disciplina – pode-se dizer que o urbanismo é uma disciplina que se institucionalizou apenas na primeira metade do século XX –, os trabalhos sobre a historicidade desse saber – objeto dos dois escritos de Choay já citados aqui – e sobre as formas de escrever essa história são escassos.

Mesmo na França, onde em 1965 foi publicado “O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia” e que, a partir da década de 1970, viu crescer uma política editorial mais interessada nos temas urbanos, trabalhos específicos sobre a história do urbanismo são pouco frequentes e, conseqüentemente, sobre a história dessa história, mais raros ainda.

Por exemplo, em um levantamento publicado em 1998 por Isabelle Backouche sobre a história urbana na França (BACKOUCHE, 1998), um índice bibliográfico que abrange estudos da idade média ao século XX, observamos que nenhuma atenção é dada aos escritos que se detiveram especificamente sobre a história do urbanismo. Questão curiosa, pois na data dessa publicação já havia mais de 30 anos do trabalho de Choay e outros esforços nessa mesma direção, como os trabalhos de Jean-Claude Perrot, Marcel Roncayolo e Jean-Pierre Gaudin, há muito já estavam em curso. A publicação de Backouche seria, então, um sintoma da desarticulação, até aquele momento, sobre a historiografia do urbanismo?

Recentemente, em um livro publicado em 2006 por Viviane Claude, “Faire de la ville. Les métiers de l’urbanisme au XXe siècle”, encontramos uma importante contribuição para compreender os esforços em torno da história do urbanismo na França, tanto no que concerne a história desse “metier” propriamente dita, quanto sua historiografia. Mesmo que o espaço dessa última seja diminuto, composto por pouco mais de seis páginas, é nele que a autora articula um quadro geral das abordagens de história do urbanismo e posiciona alguns autores, como os que citamos acima.

⁴ Em um levantamento inicial, dentre as principais escolas de arquitetura do país que expõe publicamente o programa de suas disciplinas – FAU/UFRJ, FAU/USP e PUC/Rio – todas contemplam o livro “Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia” como parte de sua bibliografia básica. Somente no curso da FAU/USP, outros títulos de mesmo gênero e que possuem conteúdo correlato são apresentados como opção ao livro de F. Choay. As faculdades de arquitetura da UFBA, da UFF, da UFRGS, da UNB e da MACKENZIE não disponibilizam a bibliografia de seus cursos.

Aqui, Choay aparece como uma precursora na tentativa de dar sentido às ações dos urbanistas ao longo do tempo. No entanto, a análise de Claude talvez tenda a circunscrever (reduzir) excessivamente o esforço e o impacto da reflexão de Choay no campo editorial daquele momento.

A fim de dar sentido ao conjunto da produção historiográfica francesa que enfoca o urbanismo, Claude distribui Françoise Choay, Jean-Claude Perrot, Marcel Roncayolo e Jean-Pierre Gaudin em três maneiras “distintas” de considerar a história desse saber. São elas: história das ideias, história das ciências sociais e história das políticas públicas. Em tal quadro, é curioso notar que as contribuições de Choay serão entendidas dentro do âmbito da “história das ideias”, pois Claude acredita que Choay está interessada nas ideias urbanísticas enunciadas por indivíduos de certa elite intelectual e pouco atenta às práticas profissionais mais ordinárias, à difusão desses escritos junto a seus contemporâneos e sua repercussão na transformação das cidades propriamente ditas (CLAUDE, 2006:10). Ou seja, no enquadramento que Claude faz de Choay, subjaz uma crítica em relação à atenção às práticas urbanas e às redes de sociabilidade dos próprios urbanistas. Questões essas que serão mais evidentes nas outras duas maneiras de considerar a história do urbanismo – história das ciências sociais e história das políticas públicas, vale lembrar – propostas por Claude.

Ora, na análise de Claude, devemos, contudo, atentar para o momento de enunciação de cada uma dessas formas de abordagem. Pode-se perceber, por exemplo, que cada uma das “três maneiras de considerar a história do urbanismo” pertence a um momento historiográfico completamente distinto um do outro e estão, portanto, condicionados a certos limites de enunciação.

Assim, no presente trabalho, ao focar “História e Método em Urbanismo”, além de apresentar um trabalho de Françoise Choay que teve pouca circulação junto aos urbanistas, apontar para as virtudes observadas por Michel de Certeau para a composição de sua noção de operação historiográfica, buscamos também, dar destaque ao quadro teórico articulado por Françoise Choay na virada da década de 1960 para a de 1970.

Com esse último aspecto, buscamos complexificar o entendimento da proposta historiográfica de Choay apontando o que ela opera e o que ela tensiona em relação ao campo epistemológico no qual se move.

Um texto e uma rede intelectual que se descortina: Choay leitora de Lévi-Strauss, Braudel e Duby(?)

Conforme apontamos anteriormente, em “História e Método em Urbanismo”, Choay parte da definição de um modelo de produção do urbanismo, balizado, sobretudo, por duas categorias de urbanistas que ela denomina como “culturalista” e “progressista”. No entanto, é importante sublinhar que a conceituação desses dois “tipos” de urbanistas já havia sido enunciada em seu trabalho de 1965, “O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia”. Este, se tratava de um livro onde, de fato, Choay havia sistematizado e publicado uma série de leituras e onde também já havia buscado tecer relações entre seus autores. Nele, a autora trazia à público escritos produzidos durante quase um século de tematização das cidades, de meados do século XIX a sua contemporaneidade.

No livro de 1965, além de estabelecer a diferenciação entre “culturalistas” e “progressistas” – que divergem em relação a qual lugar do tempo (passado ou futuro) estavam os compromissos dos urbanistas –, ela propunha também duas outras categorias que posicionavam os urbanistas em relação a historicidade de seu próprio fazer: o “pré-urbanismo” que configurava uma prática anterior institucionalização da profissão e o “urbanismo” na qual já se tinha um reconhecimento de uma saber específico sobre as cidades por parte de seus praticantes.

Cinco anos após a publicação de “O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia”, agora escrevendo para a revista dos Annales, apesar de partir da mesma conceituação, Choay tornava mais explícita uma questão que antes parecia latente. A construção das categorias de seu modelo – pré-urbanistas e urbanistas, culturalistas e progressistas – traduziam uma crítica em relação às práticas urbanísticas de seu próprio tempo uma vez que mobilizavam visadas em relação a história sem, contudo, discuti-las de maneira explícita. Assim, Choay propõe:

Urbanistas culturalistas e urbanistas progressistas têm mostrado atitudes muito diferentes ao mirar a história. Enquanto os primeiros se basearam fortemente nela para construir o seu modelo, os últimos refutaram seu valor heurístico. No presente trabalho, em um primeiro momento, propomos mostrar como estas duas atitudes divergentes surgiram, de fato, a partir de uma mesma abordagem epistemológica do

objeto urbano e que ambas ignoraram (por excesso ou escassez) o sentido de uma contribuição da história para os estudos urbanos (CHOAY, 1970:1143-1154)⁵.

Como se pode notar na citação, Choay observava a necessidade de uma maior consciência em relação a ação de ajuizamento (em relação ao passado e ao futuro) operada por aqueles que propõe a ação urbanística. Somente assim, ela acreditava poder superar as posturas apenas dicotômicas de “culturalistas” e “progressistas” em relação construção do espaço urbano.

No entanto, Choay percebia também que suas posturas eram condicionadas pelo próprio entendimento do papel da história dentro do campo do conhecimento. Sabia que suas crítica e hipótese eram formuladas (só eram possíveis) a partir de uma revisão epistemológica que havia sido capitaneada, sobretudo, pela abordagem estruturalista. Portanto, nesse texto, ela atribuía a mudança no campo do conhecimento – aquela operada em seu próprio tempo e da qual ela própria fazia parte – o dever de informar ao urbanismo (e aos urbanistas) o lugar da história na conformação desse saber, para que se pudesse, então, deflagrar uma mudança em suas práticas. É articulando essas questões que a autora escreve:

No estado atual dessas pesquisas [a antropologia e a linguística estrutural], nos parece que a história é chamada a encenar um papel fundamental na pesquisa urbanística, na qual a teoria e prática são inseparáveis. De fato, se a antropologia e linguística estrutural permitem uma renovação da teoria e uma nova visão sob o campo do urbanismo, é somente a história que pode embasá-la. Além disso, o recurso à história deve permitir superar dialeticamente o conflito entre progressistas e culturalistas, fazendo aparecer a existência de duas cronologias a que correspondem dois tipos de problemas, cujas atitudes não precisam ser colocadas por apenas uma delas. (CHOAY, 1970:1143-1154)⁶

É justamente em meio a essa problematização que emerge uma verdadeira cartografia da “família intelectual” mobilizada por Choay naquele início da década de 1970 e que “História e Método em Urbanismo” constitui uma instância privilegiada para observá-la e, assim, compreender melhor certos posicionamentos da autora.

Ora, atenta aos estudos estruturalistas em diferentes áreas, nesse texto, Choay mostra a importância de dois autores incontornáveis para seus textos naqueles anos: Claude Lévi-Strauss e Fernand Braudel.

Com relação a antropologia de Lévi-Strauss, se utilizando do exemplo do estudo realizado sobre a aldeia de Bororo, Choay aponta uma dupla contribuição para o urbanismo.

⁵ (tradução nossa).

⁶ (tradução nossa)

Primeiramente, esse trabalho a ajuda a pensar sobre a necessidade de se abandonar o entendimento do espaço urbano como um suporte – aspecto até então não superado – e, com isso, pensá-lo como um sistema de relações. As análises de Lévi-Strauss a ajudam a estudar cada assentamento humano a partir de seu próprio ritmo, evitando construir comparações universalmente tidas como válidas. Ela escreve:

A (...) [antropologia] já fez uma dupla contribuição ao urbanismo na concepção mesma de seu objeto. Primeiramente, ela permite abandonar a antiga imagem de [espaço urbano como] suporte para pensar o espaço urbano em termos de sistema (significante) de relações (...). Esta é a lição que aprendemos especialmente a partir da obra de Lévi-Strauss sobre a aldeia Bororo, um caso particular a partir do qual é possível pensar o assentamento humano em geral, simplesmente pela condição de não comparar essa sociedade as de história mais rápida e de desenvolvimento industrial avançado, e de não extrapolar a limitação e o determinismo que exercem os elementos do sistema construído nas sociedades primitivas e de cronologia lenta. (CHOAY, 1970:1143-1154)⁷

É necessário pontuar, contudo, que a dimensão temporal do estudo das estruturas, na verdade não faz parte das reflexões iniciais de Lévi-Strauss. Pois, conforme aponta Dosse, em “Histoire en mietes. Des Annales à la ‘nouvelle histoire’”:

Claude Lévi-Strauss réhabilite, avec une méthodologie très novatrice, féconde, une des plus vieilles idées que l'on croyait depuis longtemps enterrée : celle d'une nature humaine, donnée ahistorique, incontournable, intemporelle, saisie ici en décelant l'existence de structures inconscientes universelles sous-jacentes. (DOSSE, 2010:104)

A colocação de Choay, portanto, pode ser entendida como uma interpretação já de um segundo momento de “apropriação” do trabalho de Lévi-Strauss, que era, em muitos aspectos, iluminada pela leitura realizada por Fernand Braudel. Este último autor, que também emerge nas referências articuladas por Choay, havia – ele sim – dotado a noção de estrutura de uma dimensão temporal (DOSSE, 2010:104).

Como se sabe, Braudel havia buscado construir um espaço para a pesquisa histórica junto às demais ciências sociais que, em um primeiro momento havia sido capitaneada pela antropologia estruturalista de Lévi-Strauss. Atualizando as práticas e abordagens historiográficas – no que pesam o estudo das séries e a elaboração de modelos⁸ -, o trabalho

⁷ (tradução nossa)

⁸ Sobre a abordagem dos modelos em Braudel, ver: Braudel, Fernand. *Unidade e Diversidade das Ciências do Homem* (1960). In: Braudel, Fernand. *Escritos sobre História*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 84-87. Originalmente publicado em: *Revue de l'enseignement superieur*. nº1, 1960.

de Braudel traduzia para a história os estudos das estruturas sociais dos etnólogos e antropólogos.

No que concerne a constituição da noção de modelo, percebe-se que essa premissa orienta o olhar de Choay desde seu primeiro trabalho de maior envergadura, “Urbanismo. Utopias e Realidades”. Tanto nesse primeiro, quanto em “História e Método em Urbanismo”, a linha tênue que separa os autores em grupos é traçada pelo momento de institucionalização da profissão (pré-urbanistas e urbanistas) e o posicionamento dos autores frente a ação na construção de devires (culturalistas e progressistas). Constituindo assim um verdadeiro modelo para a história do urbanismo.

No que concerne a serialidade, não podemos afirmar que o trabalho de Choay, quer em “Urbanismo. Utopias e Realidades”, quer em “História e método em Urbanismo”, se trate propriamente de um trabalho de história serial tal como desenvolvido, por exemplo, por Pierre Chaunu e comentado por Braudel, em 1963 (BRAUDEL,2009:125-142). No entanto, parecemos que ambos os trabalhos de Choay se beneficiam de certa sistemática no levantamento de fontes sobre a formação do urbanismo. Limitando-o a literatura e aos textos críticos, Choay constitui uma das primeiras (e mais completas) antologias do gênero em sua época. Para uma “historiadora serial”, falta-lhe certamente um apreço maior pelo quantitativo e, até mesmo, um interesse por “territorializar” (mostrar a distribuição geográfica) as fontes levantadas.

Mas é necessário sublinhar que, possivelmente, a noção de pluritemporalidade seja, essa sim, o maior legado de Braudel para Choay. Em seu texto “História e Ciências Sociais. A longa duração”, Braudel apresentou como o objeto de estudo do historiador podia ser decomposto em diferentes cronologias (ou temporalidades): o tempo curto do evento; o tempo cíclico da conjuntura; e o tempo da longa duração (BRAUDEL:2009:44). De fato, para Braudel, a “longa duração” seria o espaço a ser privilegiado no trabalho do historiador. No entanto, ao pluralizar o “temporal” ele atribuía também um domínio específico a cada tempo, respectivamente, um tempo do indivíduo, um tempo social e um tempo geográfico (DOSSE,2010:111-112).

Em “História e Método em Urbanismo”, em uma passagem que Choay enumera os três eixos de contribuição da história para o método urbanístico, mais especificamente, ao descrever um deles, essa referencia a Braudel se torna explícita. Choay esboça como hipótese a necessidade

de se observar duas cronologias distintas do urbanismo: uma de evolução mais rápida e que situa o que a autora chama de “espaço habitado” e outra de evolução mais lenta que tem por objetivo dar sentido aos diferentes discursos desse “métier”. Explicando esse posicionamento, Choay escreve:

Mas essa hipótese demanda ser comprovada e precisada. A antropologia e a arqueologia pré-histórica poderão contribuir, assim como a psicologia. Contudo, esta tarefa é responsabilidade, essencialmente, da história. (...) Menos, de uma história "pesada", de duração dilatada, tal como definida por F. Braudel 'história dos homens em sua relação estreita com a terra'. Estudo como esse só iria destacar suas constâncias, ou melhor, seus sistemas de evolução lenta cuja presença foi constantemente obliterada pelas estruturas mais móveis e superficiais. Os mecanismos dessa obliteração não serão sem dúvida plenamente conhecidos sem que haja [também] uma abordagem psicanalítica da história das teorias do espaço construído: interpretado, como o sugere Joseph Rykwet, (...), [como] aquela (...) que nos fizesse recobrir toda uma memória do habitar, que nos permitisse garantir ao mesmo tempo uma continuidade e uma descontinuidade das figuras do assentamento humano. (CHOAY, 1970:1143-1154)

Essa passagem denuncia certamente a atenção de Choay às temporalidades de Braudel. No entanto, aquele tempo geográfico enfatizado pelo historiador, importante para observar às permanências estruturais ao longo do tempo e que norteou um olhar como o de Lewis Mumford para constituir sua “A cidade na história”, por exemplo, possui certas limitações para a investigação da história de um saber, como o urbanismo.

Talvez por isso, em relação às demais temporalidades braudelianas, Choay apresente também um especial interesse por àquele tempo secundário, das conjunturas, dos ciclos e, também, das mentalidades. Possivelmente por isso, observemos nesse texto uma referencia constante de Choay em relação às contribuições da psicologia para o urbanismo, o que a citação transcrita à cima também denuncia.

Esse interesse pela história do metal, na historiografia, remete a preocupações já enunciadas pelos primeiros historiadores dos Annales – Block e Febvre –, mas que, em boa parte, foi silenciada por Braudel. No entanto, em fins dos anos 1960, com as contribuições de historiadores como Le Goff⁹ e Duby, por exemplo, tomava novo fôlego.

De fato, encontramos nas reflexões de Duby – também atento as temporalidades Braudelianas e marcado pelo perspectiva antropológica de Lévi-Strauss – um interesse crescente pelo tempo

⁹ É importante salientar novamente que Le Goff teve um papel de destaque na organização do número da revista dos Annales em que é publicado o texto de Choay, “História e Método em Urbanismo”.

cíclico e pelos descompassos entre temporalidades mentais e sociais. Tal como Choay, Duby passaria a estudar os sistemas de representações e, conseqüentemente, a desconfiar “dos grandes afrescos em série que se dedicam à evolução por uma longuíssima duração de um comportamento, de um conceito, de uma representação e cujo processo diacrônico se desloca do real” (DELACROIX;DOSSE;GARCIA,2012:278). Como bem pontua Dosse, Delacroix e Garcia, para Duby:

O trabalho do historiador consiste, ao contrário, em confrontar sem cessar as diversas temporalidades e em evidenciar as defasagens, as discordâncias entre realidade social e representação ideológica, que não evoluem em perfeita sincronia. As mentalidades não são entendidas como um objeto suplementar que permita ao território do historiador fragmentar-se em pedaços dispares; elas tornam exigência de recuperação de um conjunto, de uma coerência ao mesmo tempo mais difícil e mais exaltante. (DELACROIX;DOSSE;GARCIA,2012:278).

Em “História e Método em Urbanismo”, como Duby, Choay parece fazer emergir justamente as diferenças temporais e ideológicas dos grupos que deram corpo ao campo urbanístico, no entanto, ela não parece ser adepta de uma completa fragmentação da leitura desses cadinhos sociais como entes autônomos – aspecto que iria se acentuar apenas em estudos posteriores, como aqueles ligados a micro-história, mas que jamais representariam uma perspectiva historiográfica para Choay –. Ao contrário, também como Duby, ela parece se utilizar deles para tornar mais complexa à leitura do conjunto.

Da abordagem estruturalista a atenção às práticas urbanísticas

Em “História e Método em Urbanismo”, apesar de não aprofundar a atenção à modalidade temporal mais diminuta, aquela que Braudel identifica como sendo relativa às narrativas sobre os fatos e os indivíduos, percebemos que, diferente desse autor, Choay já se incline para o estudo das práticas sociais a partir de seu caráter situado. Seu texto se encerra justamente indicando essa orientação:

Assim, a história deve, nos dias de hoje, contribuir para superar a velha antinomia dos urbanismos progressista e culturalista. Ele abre novos horizontes aos "urbanistas" em uma nova abordagem epistemológica, descobrindo as duas instâncias do espaço que nós construímos tanto como membros de uma sociedade datada e localizada e como indivíduos. (CHOAY, 1970:1143-1154)

É em um âmbito semelhante que devemos entender também o esforço dessa autora em ratificar, a todo momento, um compromisso com as questões de seu próprio tempo. Em

ambos os casos é possível pensar que, em “História e Método em Urbanismo”, Choay já se beneficie das rupturas promovidas por maio de 1968.

De fato, naquele início de década de 1970, Françoise Choay já buscava se organizar para pensar as culturas em novas bases, sobretudo com relação a um olhar mais abrangente para alteridade e para práticas mais horizontais de construção do conhecimento. Ela, junto com outros intelectuais como, por exemplo, Michel de Certeau, participava de iniciativas como a de formação de um grupo de trabalho no Conselho de Desenvolvimento Cultural do Ministério de Assuntos Culturais da França que visava a ampliação da ação cultural no conjunto do campo social (DOSSE,2007:443-444). François Dosse, na biografia que escreve sobre o Certeau, ilustra o ambiente de articulação desse grupo:

Dans l'après-68, la culture des professionnels est dénoncée et qualifiée de « bourgeoise », pour produit des « appareils idéologiques d'État » chers aux althussériens. Quant aux études sur les pratiques culturelles, elles font apparaître le rêve de Malraux d'une culture pour tous comme un horizon toujours aussi lointain. Les données statistiques montrent en effet que « la diffusion de la 'culture noble' : sorties au théâtre, au musée, au concert, ne touche toujours qu'une minorité ». Une réflexion est alors lancée par le ministère des Affaires culturelles où une commission du VIe plan animée par le poète Pierre Emmanuel, se met en place, qui permet une réflexion commune au-delà des appartenances politiques très diverses. Parallèlement, le petit service d'études animé par Augustin Girard mobilise un certain nombre d'intellectuels qui se réunissent en un Conseil supérieur de développement culturel que le ministre Jacques Duhamel décide d'instituer à la demande de Pierre Emmanuel. C'est dans la cadre de cette réflexion collective sur les pratiques culturelles qu'Augustin Girard fait la connaissance de Michel de Certeau qui est membre de la commission des affaires culturelles du VIe présidée par Jean-Marie Domenach. Il est ensuite désigné comme participant au Conseil de développement culturel mis en place par l'arrêté du 19 octobre 1971. Ce groupe va devenir la source d'inspiration majeure des travaux de la commission du VIe plan. (DOSSE,2007:443-444).

Além disso, devemos nos lembrar também que, durante a década de 1970, Choay faria parte do corpo docente da universidade de Paris VIII – organizada primeiramente como Centre Experimental de Vincennes – que havia nascido em decorrência direta da efervescência intelectual e pedagógica de maio de 1968 e possuía um engajamento explícito com a democratização do acesso ao saber e da produção de conhecimento ancorado nas questões do mundo contemporâneo¹⁰.

Talvez seja por esses engajamentos, que reagem a uma conjuntura já muito diferente daquela em que Braudel havia escrito seus principais trabalhos, que se percebe que Choay, ao montar

¹⁰ Cf. <http://www.univ-paris8.fr/Historique-de-Paris-8?choix=c>. Acessado em: 24 de fevereiro de 2015.

seu quadro historiográfico de referência, mesmo que de forma tímida, já se debruce sobre uma espécie de história das práticas (urbanísticas). Para uma historiadora orientada inicialmente por uma perspectiva estruturalista, percebe-se, então, que Françoise Choay parece “flertar” demasiadamente com os indivíduos e a temporalidade que lhe é própria.

Assim, ao nomear seus urbanistas, mostrar a maneira como eles miravam o passado e o utilizavam como juízo para construir propostas de futuro, constrói também uma maneira de escrever a história onde os indivíduos possuem uma posição ativa na conformação do espaço (e, em última instância, do modelo interpretativo).

É justamente esse caráter ativo dos indivíduos e, mais especificamente, dos urbanistas frente ao saber histórico, que fez com que Michel de Certeau utilizasse “História e Método em Urbanismo” como parte do quadro teórico que organiza para construir sua noção de “operação historiográfica”. Noção essa que será desenvolvida em dois textos, um mais breve publicado na série “História: novos problemas, novas abordagens e novos objetos” e editado por Jacques Le Goff e Pierre Nora, em 1974. Outro, de um folego um pouco maior, publicado em seu próprio livro “A Escrita da História”, de 1975.

Em ambos os textos, Certeau tinha por objetivo evidenciar a não neutralidade do historiador na composição de suas narrativas e passava, assim, a encarar a história como uma operação que relaciona, em um mesmo gesto, “um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura)” (CERTEAU,1982:46).

A atenção que Choay lança sobre a maneira como urbanistas possuem visões distintas em relação ao passado e como, por sua vez, esse posicionamento implica na construção de devires diferentes parece incitar Certeau a pensar como os historiadores, manejando um saber idêntico, têm também um papel ativo na conformação dos produtos de seu ofício.

No entanto, deve-se pontuar que a referência ao trabalho de Choay não monopoliza o quadro teórico que Certeau mobiliza para evidenciar essas questões. Ao contrário, as reflexões de Choay são somadas a esforços de outros contemporâneos como Serge Moscovice, Emmanuel Le Roy Ladurie, Maurice Dumas, Bertrand Gille e Michel Foucault.

O período em que Certeau compõe essa noção pode ser lido, ainda, como apontou Dosse, como um momento de transição do autor entre trabalhos de uma erudição historiográfica em direção a uma maior atenção aos estudos sociológicos (DOSSE,2007:443). Esse último, culminando com a escrita de “A Invenção do Cotidiano”, em 1980. Ainda Dosse, em sua biografia sobre o historiador jesuíta, é quem atribuirá um bonito papel a Françoise Choay nesse processo de construção de um saber mais próximo e atento aos atores sociais. Ele desenhará a figura de Choay como aquela que desempenha um papel quase de um mestre de cerimônias para Certeau em relação às questões urbanas (DOSSE,2007:473).

Esse autor enfatiza, então, os momentos de trocas intelectuais como, por exemplo, no início dos anos 1970, aquele em que ambos participaram do Conselho de Desenvolvimento Cultural, como já apresentamos, e mostra como essa amizade que começa ali se desdobra em outras frequentações como o convite que Choay faz a Certeau para que ele escreva um prefácio para o livro de Jean-François Augoyard que ela estava produzindo em sua coleção na editora Seuil, publicado em 1979, e, já no início dos anos 1980, outro convite para que ele apresente o famoso texto sobre Freud e as diversas camadas temporais imbricadas na cidade de Roma em seus seminários sobre problemas epistemológicos em Paris VIII.

A narrativa do biógrafo constrói, portanto, um cenário em que se pode imaginar uma vigorosa troca intelectual entre os dois amigos. No entanto, a mesma narrativa, ao dotar de sentido a trajetória do biografado, vincula as contribuições de Choay ao contexto de produção de “A invenção do Cotidiano” (1980), sem, contudo, dar maior atenção aquelas trocas intelectuais do início dos anos 1970, no qual esse interesse mútuo pelas práticas sociais ainda estava em seu estágio inicial, mas que conformavam justamente um momento de passagem. Onde, ainda com um instrumental metodológico legado dos estudos estruturalistas, buscavam construir novas abordagens para fazer emergir a potência da ação humana na construção do presente.

Abordagens são construídas pouco a pouco, dia a dia

No presente trabalho buscamos demonstrar como é necessária uma maior atenção a historiografia do urbanismo. Apontamos que um olhar mais rigoroso com relação ao quadro intelectual dos autores e seus lugares de enunciação nos permite melhor situar não só as

contribuições do autor estudado em nosso próprio campo (urbanismo), como também, de maneira mais geral, posicioná-lo em relação a própria construção do campo do conhecimento.

O estudo específico do trabalho de François Choay na virada dos anos 1960 para 1970, enfocado aqui, sobretudo, a partir do texto “História e Método em Urbanismo”, nos permite ainda declinar quadros mais circunscritos da historiografia do urbanismo como aquele desenhado por Viviane Claude e que fizemos referencia no começo desse trabalho.

De fato, acreditamos que havia um grande compromisso de Choay em torno das ideais que deram forma ao urbanismo e, somente por isso, talvez ainda seja possível enquadrá-la como uma historiadora das ideias. Contudo, isso não significa que ela desprezasse a participação das práticas urbanas e da difusão das ideias daqueles que estudava, apenas que esse aspecto era levado a um segundo plano dado alguns limites. Primeiramente, como buscamos demonstrar, os estudos de Choay sobre a história do urbanismo tinham um aspecto quase que inaugural para o campo e era um primeiro esforço em se levantar e sistematizar fontes sobre o tema. Em segundo lugar, como se torna evidente no texto “História e Método em Urbanismo”, ao articular um instrumental metodológico legado pelos estudos estruturalistas, a leitura de Choay tendia a uma visada em que se privilegiava uma duração mais longa. É evidente que essa perspectiva condicionava sua ambição na direção de um entendimento da “totalidade” da história do urbanismo, dos precursores do “métier” até os polemistas de sua própria época. Aspecto esse que a direcionava também para a formação de um modelo para interpretação dessa história.

Mas é necessário sublinhar que, pela maneira como Choay atribui aos estudos estruturalistas uma mudança no campo epistemológico, naquele momento, para ela, essa era a perspectiva mais “acertada” para se aproximar do “real”, de uma história engajada com as questões contemporâneas.

Além disso, como também buscamos demonstrar acima, mesmo não conseguindo ainda articular um instrumental teórico que evidenciasse sua atenção aos indivíduos e suas práticas sociais, percebemos que na prática da própria historiadora havia uma inclinação nessa direção. Possivelmente, reagindo a uma visão de mundo que se alterava naquele início de década de 1970, mas que ainda precisaria construir seus próprios métodos. Essa espécie de

“intuição” que a inclinava em favor do estudo das práticas de indivíduos situados é que, justamente, seria iluminado por Certeau e o ajudaria a pensar a história como uma operação.

Bibliografia

BACKOUCHE, Isabelle. *L'Histoire urbaine en France (Moyen Age-XXe siècle). Guide Bibliographique 1965-1996*, Paris, L'Harmattan, 1998

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre História*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história (1975)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A Operação Histórica*. In: LE GOFF, J. NORA, P. (org.). *História: novos problemas (1974)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2011.

CHOAY, Françoise. *L'histoire et la méthode en urbanisme*. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 25e année, N. 4, 1970. pp. 1143-1154.

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia (1965)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

CHOAY, Françoise. *Pour une antropologie de l'espace*. Paris: Seuil, 2006.

CLAUDE, Viviane. *Faire de la ville. Les métiers de l'urbanisme au XXe siècle*. Marseille: Parenthèses, 2006.

DELACROIX, Christian. DOSSE, François. GARCIA, Patrick. *Correntes históricas na França. Séculos XIX e XX (2005)*. Rio de Janeiro : FGV, 2012.

DOSSE, François. *Michel de Certeau: le marcheur blessé (2002)*. Paris: La Découverte, 2007.

DOSSE, François. *L'histoire en miettes. Des Annales à la "nouvelle histoire" (1987)*. Paris : La Découverte, 2010.